

Que a Europa não perca demasiado, continuando a ser um espaço com qualidade de vida, liberdade e segurança

A Europa no mundo (II)

Na passada semana terminava o meu artigo escrevendo: "Na Europa, no futuro, continuamos a achar que não temos de adaptar os nossos rituais a outros climas e geografias, continuamos a considerar que o nosso modelo ideológico-cultural é um deus único a que todos têm de ser converter, continuamos a exprimir uma arrogância subliminar que é perceptível muito para além do que julgamos possível. Podemos continuar assim mais algum tempo. Mas não teremos grande futuro se não mudarmos." E prometta, para esta semana, sugestões de mudança.

Também há dias um texto de Paul Kennedy, no *International Herald Tribune*, lembrava que os EUA têm 5% da população mundial, 20% do PIB mundial, realizam 50% das despesas militares e imprimem notas que correspondem a mais de 65% das reservas mundiais de divisas. E Roger Osborne, no seu livro *Civilization - A New History of Western World* (onde, diga-se de passagem, trata mal Portugal, quando não nos ignora), afirma que a forma de pensar que caracteriza o mundo ocidental continua a ser definida pela incapacidade de aprender outras culturas sem as dominar, destruir ou integrar no sistema ocidental. E, ainda, uma investigação em Espanha concluiu que 60% da população ganha menos de 1000 euros por mês (ainda assim muito mais do que o bilião de pessoas que vivem neste mundo com menos de 1 euro por dia).

Agora - a menos que desejássemos e conseguíssemos um nova época imperialista, como no século XIX - temos de viver com os factos. A Europa vai perder estatuto, poder, influência, centralidade. Usando o exemplo dos EUA atrás citado, a evolução será para que a percentagem de PIB mundial do Ocidente diminua; e como a riqueza e a produção mundial não vão aumentar tanto como essa redução percentual, o resultado será medido em perdas, designadamente de poder de compra - ou seja, deêms-se as voltas que se derem, daqui a 50 anos com toda a probabilidade 60% dos espanhóis vão viver com menos do que vivem actualmente, ou a sua percentagem aumentará.

E, infelizmente, contra isso não basta responder que se devem reduzir as disparidades internas e redistribuir riqueza. Isso terá de ser feito (e é claramente uma das suas gestões), mas o sucesso da Europa pós-renascentista foi



José Miguel Ruidice

baseado na ambição, na acumulação súbita de riquezas, na desigualdade e na exploração de recursos alheios. E não se vê o motor europeu a funcionar de outro modo, pelo menos a curto prazo.

O objetivo que me motiva é que no mundo possam aumentar as possibilidades da convivência pacífica entre os povos; que isso seja feito com o máximo de respeito pelas liberdades e pela autodeterminação de cada pessoa; que a cada um de nós sejam garantidas as condições mínimas para uma vida digna e com o máximo de igualdade de oportunidades. E, já agora, que a Europa não perca demasiado no concerto das nações, continuando a ser um espaço com qualidade de vida, liberdade e segurança, um paradigma para os que o queiram seguir.

Vamos então a algumas sugestões, que por limitações de espaço apresentarei de forma sumária. Assim:

- (i) A Europa deve assumir que só o exemplo poderá conduzir a mudanças noutras zonas do mundo, abdicando de políticas internacionais baseadas no idealismo e intervencionismo, aceitando que não está no seu poder nem no seu direito impor aos outros os seus valores;
- (ii) Mas deve ter, por isso, uma estratégia de afirmação e divulgação dos seus valores, procurando seguir os de forma exemplar;
- (iii) Tem de aceitar que o mundo é um lugar perigoso, que a segurança não pode ser absoluta, que o terrorismo está para o seu século XXI como a peste, a malária, a carência e a guerra estiveram para épocas mais remotas.
- (iv) Deve ser concretizada uma espécie de Plano Marshall para o Mediterrâneo, com a criação de uma zona de comércio livre que se torne num espaço de prosperidade.
- (v) A preservação de um ambiente saudável, a luta pelo desenvolvimento sustentável, a organização do território e a redução das emissões poluentes devem ser prioridade política imediata e para as futuras gerações.

(vi) A unidade europeia deve ser reforçada num quadro federal e baseado em decisões políticas democráticas, assumindo-se no entanto com naturalidade as diferenças de sistemas legislativos no seu interior, pelo menos na medida em que existem nos EUA.

(vii) O sistema partidário - que tem na Europa dignidade constitucional - deve ser estruturado por forma a que se



A unidade europeia deve ser reforçada

num quadro federal e baseado em decisões políticas democráticas

(viii) A Europa deve fazer uma profunda mudança no seu modelo fiscal, taxando o consumo e não o investimento, os lucros distribuídos e não a actividade empresarial, as mais-valias e aumentando a taxa marginal sobre os rendimentos mais elevados (na parte que não for destinada a investimento).

(ix) O sistema de Segurança Social deve ser racionalizado, deixar de ser universal e gratuito e passar a ser financeiramente suportado sobretudo pelos impostos e não por descontos sobre os vencimentos, que tornam o custo de produção mais elevado, desmotivando as empresas de criar empregos.

(x) O Estado tem de dominar a sua burocracia, simplificar os procedimentos, diminuir os privilégios relativos dos seus empregados em relação ao sector privado. O consumo público deve ser reduzido fortemente.

(xi) O Estado social deve orientar-se para a rede de protecção dos mais carenciados, para assegurar a existência das condições mínimas de dignidade e de oportunidades e não manter a estratégia de protecção aos sectores sociais que têm condições para lutar pela vida e que, por isso, devem perder a mentalidade assistencialista, que lhe retira a ousadia e o sentido de risco, mas também os vem afastando de uma lógica de poupanças e de redução da pulsão consumista e de endividamento.

É muito? Será. Mas, ainda assim, será pouco, se não formos capazes de mudar a nossa mentalidade. Sobre isso e ainda sobre estas sugestões escreverei na próxima semana. *Advogado*